

1

AVA

Havia coisas piores do que ficar presa no meio de nenhures durante uma tempestade.

Por exemplo, eu podia estar a fugir de um urso furioso que me queria atacar. Ou amarrada a uma cadeira numa cave escura e ser forçada a ouvir «Barbie Girl», dos Aqua em modo *repeat* até me apetecer morder o braço para não voltar a ouvir a música.

Mas só porque as coisas podiam ser piores não significava que não eram más.

Para. Tem pensamentos positivos.

— Um carro vai aparecer... *agora*. — Olhei para o telemóvel, reprimindo a frustração quando a aplicação me garantiu que procurava a minha boleia, tal como na última meia hora.

Normalmente, estaria menos stressada com a situação porque tinha um telemóvel a funcionar e uma paragem de autocarro para me manter quase seca, apesar da chuva forte. Mas a festa de despedida do Josh começava dentro de uma hora, ainda tinha de ir buscar o seu bolo-surpresa à pastelaria e em breve anoiteceria. Posso ser uma rapariga otimista, mas não sou idiota. Ninguém — especialmente uma universitária com zero competências de luta corpo a corpo — se quer ver sozinho no meio de nenhures depois de escurecer.

Devia ter tido aulas de defesa pessoal com a Jules como ela queria.

Revi mentalmente as minhas opções limitadas. O autocarro que parava ali não circulava aos fins de semana, e a maioria dos meus amigos não possuía carro. A Bridget tinha um automóvel à disposição, mas estava num evento da embaixada até às sete. A minha aplicação de boleias não funcionava e eu não vira passar um carro desde que a chuva começara. Não que fosse pedir boleia, de qualquer maneira — vi suficientes filmes de terror, obrigadinha.

Só me restava uma opção — que eu *realmente* não queria tomar —, mas a cavalo dado não se olha o dente.

Selecionei o contacto no telemóvel, murmurei uma prece e premi o botão de chamada.

Um toque. Dois. Três.

Vá lá, atende. Ou não. Eu não sabia o que seria pior: ser assassinada ou lidar com o meu irmão. Claro, havia sempre a possibilidade de ele me matar por me meter numa situação destas, mas enfrentaria isso mais tarde.

— O que se passa?

Torci o nariz ao ouvir a saudação.

— Olá para ti também, querido irmão. O que te leva a pensar que se passa alguma coisa?

O Josh resfolegou.

— Hum... *ligaste-me*. Nunca o fazes a menos que estejas com problemas.

É verdade. Preferíamos enviar mensagens de texto e morávamos ao lado um do outro — não fora ideia minha, a propósito —, então raramente precisávamos de telefonar.

— Eu não diria que estou com *problemas* — retorqui. — Antes... enalhada. Não estou perto de transportes públicos e não consigo arranjar boleia.

— Caramba, Ava. Onde estás?

Disse-lhe.

— Que diabo fazes aí? Isso fica a uma hora do *campus*!

— Não sejas dramático. Tive uma sessão fotográfica, e é uma viagem de trinta minutos. Quarenta e cinco, se houver trânsito. — Um trovão sacudiu os ramos das árvores próximas. Estremeci e enfiei-me mais na paragem, não que servisse de grande coisa. A chuva caía inclinada, salpicando-me com gotas tão pesadas e duras que ardiam quando me atingiam a pele.

Ouvi um farfalhar ao lado do Josh, seguido de um gemido suave.

Imobilizei-me, certa de que ouvira mal, mas não, lá estava de novo. Outro gemido.

Os meus olhos arregalaram-se de horror.

— Estás a fazer *sexo* agora? — sussurrei-gritei, mesmo sem ninguém ali por perto.

A sanduíche que comera antes de ir para a sessão fotográfica ameaçou sair. Não havia nada — repito, nada — mais grosseiro do que ouvir um familiar a meio do coito. O mero pensamento fez-me engasgar.

— Tecnicamente, não. — Josh não parecia arrependido.

A palavra «tecnicamente» explicou muita coisa.

Não era preciso ser um génio para decifrar a vaga resposta do Josh. Ele podia não estar a ter relações sexuais, mas *algo* acontecia, e não me apetecia descobrir o que era esse «algo».

— Josh Chen.

— Ei, tu é que me ligaste. — Ele devia ter tapado o telemóvel com a mão, porque as palavras seguintes soaram abafadas. Ouvi uma risada suave e feminina seguida de um guincho, e tive vontade de deitar lixívia nos ouvidos, nos olhos, na mente. — Um dos rapazes levou o meu carro para ir comprar mais gelo — disse o Josh, a voz novamente nítida. — Mas não te preocupes, vou ajudar-te. Partilha a tua localização e mantém o telemóvel por perto. Ainda tens o *spray* de pimenta que te ofereci no teu aniversário do ano passado?

— Sim. Obrigada por isso, a propósito. — Eu quisera uma nova mala para a máquina fotográfica, mas o Josh comprara-me uma embalagem com oito *sprays* de pimenta. Nunca os usara, o que significava

que os oito — menos o que se encontrava na minha mala — estavam no fundo do meu armário.

O sarcasmo passou despercebido ao meu irmão. Apesar de ser um estudante de medicina com nota máxima a tudo, podia ser bastante obtuso.

— De nada. Fica aí, e ele chegará em breve. Falaremos sobre a tua completa falta de autopreservação mais tarde.

— Eu tenho autopreservação — protestei. *Será a palavra certa?* — Não tenho culpa de que não haja... espera, o que queres dizer com «ele»? Josh!

Tarde demais. Ele já desligara.

A única vez que eu queria que o meu irmão se explicasse, ele trocava-me por uma das amiguinhas de cama. Admirei-me por não se ter passado mais, considerando que o Josh era superprotetor. Desde «O Incidente», ele assumira a responsabilidade de cuidar de mim como se fosse irmão e guarda-costas num só. Eu não o culpava — a nossa infância tinha sido uma confusão, ou assim me disseram — e adorava-o, mas a sua preocupação constante era por vezes avassaladora.

Sentei-me de lado no banco e encostei a mala ao corpo, deixando o couro rachado aquecer-me a pele enquanto esperava que o misterioso «ele» aparecesse. Podia ser qualquer um. O Josh não tinha falta de amigos. Fora sempre popular — jogador de basquete, presidente do corpo estudantil e rei do baile no secundário; membro da fraternidade Sigma e famoso no *campus* na faculdade.

Eu era o oposto. Não *impopular per se*, mas evitava os holofotes e preferia ter um pequeno grupo de amigos chegados do que um grande grupo de conhecidos simpáticos. Enquanto o Josh era a alma da festa, eu sentava-me a um canto e sonhava acordada com todos os lugares que adoraria visitar, mas provavelmente nunca visitaria se a minha fobia tivesse algo que ver com isso.

A minha maldita fobia. Eu sabia que era tudo mental, mas *parecia* física. A náusea, o coração acelerado, o medo paralisante que transformava os meus membros em *coisas* inúteis e imóveis...

Pelo lado positivo, não tinha medo da chuva. Podia evitar oceanos, lagos e piscinas, mas chuva... sim, isso seria péssimo.

Não sei quanto tempo fiquei encolhida na exígua paragem de autocarro, amaldiçoando a minha falta de previsão quando recusei a boleia dos Grayson de regresso à cidade depois da sessão. Não quisera incomodá-los e pensei que poderia chamar um carro e estar no *campus* da Thayer em meia hora, mas os céus abriram-se logo depois e, bem, ali estava eu.

Começava a escurecer. Cinzentos suaves misturavam-se com os azuis frios do crepúsculo, e parte de mim temia que o misterioso «ele» não aparecesse, mas o Josh nunca me desiludia. Se um dos amigos não me fosse buscar como ele pedira, ficaria sem pernas para trabalhar no dia seguinte. O Josh estudava medicina, mas não tinha escrúpulos em usar a violência quando a situação o exigia — em especial se me envolvesse.

O feixe luminoso dos faróis cortou a chuva. Semicerrei os olhos, o coração a palpar de expectativa e receio enquanto me perguntava se o carro pertencia à minha boleia ou a um potencial psicopata. Aquela parte do Maryland era bastante segura, mas nunca se sabia.

Quando os meus olhos se ajustaram à luz, curvei-me de alívio, apenas para me endireitar dois segundos depois.

A boa notícia? Reconheci o *Aston Martin* elegante e preto que se aproximava. Pertencia a um dos amigos do Josh, o que significava que eu não acabaria nas notícias dessa noite.

A má notícia? A pessoa que conduzia o *Aston Martin* era a última que eu queria — ou esperava — que me fosse buscar. Não era do género «vou fazer um favor ao meu amigo e salvar a irmã abandonada», mas antes «olha para mim da forma errada e vou destruir-te e a todos os que amas». Faria isso com um ar tão calmo e belo que não veríamos o nosso mundo a arder até já estarmos em cinzas sob os seus pés calçados com *Tom Ford*.

Passei a ponta da língua sobre os lábios secos quando o carro parou à minha frente e a janela do passageiro se abriu.

— Entra.

Não levantou a voz — nunca a levantava —, mas ouvi-o perfeitamente apesar da chuva.

O Alex Volkov era uma força da natureza em si mesmo, e imaginei que até o clima se curvava perante ele.

— Não estejas à espera de que te abra a porta — disse quando não me mexi. Parecia tão feliz com a situação como eu.

Que cavalheiro.

Comprimi os lábios e contive uma resposta sarcástica enquanto me levantava do banco e entrava no carro. Tinha um cheiro fresco e caro, como perfume almiscarado e bom couro italiano. Eu não trouxera uma toalha ou qualquer outra coisa para pôr no assento; portanto, só podia rezar para não danificar o interior de luxo.

— Obrigada por me vires buscar — disse, na tentativa de quebrar o silêncio gelado.

Falhei. Miseravelmente.

O Alex não respondeu nem olhou para mim enquanto descrevia as curvas e contracurvas da estrada escorregadia que conduzia ao *campus*. Guiava como andava, falava e respirava — firme e controlado, com um ar de perigo que avisava as pessoas suficientemente tolas que, se pensassem em irritá-lo, isso seria uma sentença de morte.

Era o oposto do Josh, e eu ainda me espantava com o facto de serem os melhores amigos. Considerava o Alex um idiota. Ele tinha com certeza os seus motivos, algum trauma psicológico que o transformara num robô insensível. Com base no que ouvira do Josh, a infância do Alex fora ainda pior do que a nossa, embora nunca tenha conseguido arrancar os pormenores ao meu irmão. Sabia que os pais tinham morrido quando ele era pequeno e que lhe deixaram uma fortuna que quadruplicou quando recebeu a herança aos dezoito anos. Não que precisasse dela, porque inventara um novo *software* financeiro no secundário que o tornara multimilionário antes de poder sequer votar.

Com um QI de 160, o Alex Volkov era um gênio, ou andava lá perto. Era a única pessoa na história da Thayer a concluir o curso/MBA de cinco anos em três e, aos vinte e seis anos, era COO de uma das empresas de desenvolvimento imobiliário mais bem-sucedidas do país. Era uma lenda, e sabia-o.

Enquanto isso, eu achava que me safava se me lembrasse de comer enquanto fazia malabarismos com as aulas, atividades extracurriculares e dois empregos — rececionista na Galeria McCann e o trabalho paralelo como fotógrafa de quem me contratasse. Formaturas, noivados, festas de aniversário de cães, agarrava-me a tudo.

— Vais à festa do Josh? — Tentei novamente entabular conversa. O silêncio dava cabo de mim.

O Alex e o Josh eram amigos desde que tinham vivido juntos na Thayer oito anos atrás, e o Alex juntava-se à minha família no Dia de Ação de Graças e outros feriados todos os anos, mas eu ainda não o *conhecia*. Não conversávamos a menos que tivesse que ver com o Josh ou passar a travessa das batatas num jantar ou coisa parecida.

— Sim.

Então muito bem. A conversa fiada estava fora de questão.

Pensei nos milhões de coisas que tinha de fazer no fim de semana. Editar as fotografias da sessão dos Grayson e trabalhar na candidatura à bolsa World Youth Photography, ajudar o Josh a acabar de fazer as malas depois...

Bolas! Tinha-me esquecido do bolo do Josh.

Encomendara-o duas semanas antes — o prazo necessário para algo da Crumble & Bake. Era a sobremesa favorita do Josh, um bolo com três camadas de *fudge* de chocolate e recheado com pudim de chocolate. Ele só se permitia comê-lo no aniversário, mas como ia sair do país por um ano, calculei que pudesse quebrar a regra... desta vez.

— Então... — Arvorei o maior e mais luminoso sorriso. — Não me mates, mas temos de fazer um desvio até à Crumble & Bake.

— Não. Já estamos atrasados. — O Alex parou num semáforo vermelho. Tínhamos voltado para a civilização e vi os contornos de um Starbucks e de um Panera através do vidro salpicado de chuva.

O meu sorriso não esmoreceu.

— É um pequeno desvio. Leva quinze minutos, no máximo. Só tenho de entrar e pegar no bolo do Josh. Sabes, aquele de chocolate de que ele tanto gosta? Vai ficar na América Central durante um ano, não há lá nenhuma C&B, e daqui a dois dias parte; portanto...

— Para. — Os dedos do Alex curvaram-se no volante, e a minha mente louca e hormonal reparou na beleza deles. Pode parecer loucura, porque quem tem dedos *bonitos*? Mas ele tinha. Fisicamente, *tudo* nele era bonito. Os olhos verde-jade que brilhavam sob sobrancelhas escuras como lascas cortadas de um glaciário; o maxilar esculpido e as maçãs do rosto elegantes; o corpo esguio e o cabelo castanho-claro e espesso, que, de alguma forma, estava desganhado e bem penteado. Parecia uma estátua viva de um museu italiano.

Senti uma vontade louca de lhe despentear o cabelo como se fosse uma criança, só para que deixasse de parecer tão perfeito — bastante irritante para o resto de nós, meros mortais —, mas, como não me apetecia morrer, mantive as mãos no regaço.

— Se te levar ao Crumble & Bake, paras de falar?

Com certeza já se arrependera de me ter ido buscar.

O meu sorriso aumentou.

— Se quiseres.

Os seus lábios ficaram mais finos.

— Muito bem.

Sim!

Ava Chen: Um.

Alex Volkov: Zero.

Quando chegámos à pastelaria, soltei o cinto de segurança e preparava-me para sair quando o Alex agarrou no meu braço e me puxou. Ao contrário do que eu esperara, o seu toque não era frio, era abrasador, e queimou-me a pele e os músculos até sentir o calor na boca do estômago.

Engoli em seco. *Hormonas estúpidas.*

— O que foi? Já estamos atrasados e eles fecham daqui a pouco.

— Não podes sair assim. — Ouvi um ligeiro tom de desaprovação.

— Assim como? — perguntei, confusa. Estava de calças de ganga e *T-shirt*, nada de escandaloso.

Alex inclinou a cabeça em direção ao meu peito. Olhei para baixo e soltei um grito. A minha *T-shirt*? Era branca. Estava molhada. *Transparente*. Não um bocadinho transparente, como se pudéssemos *entrever* o contorno do sutiã se olhássemos com atenção. Totalmente transparente. Sutiã de renda vermelha, mamilos duros — obrigado, ar condicionado —, tudo.

Cruzei os braços sobre o peito, o rosto em chamas da mesma cor do sutiã.

— Esteve assim o tempo todo?

— Sim.

— Podias ter-me dito.

— E disse. Agora mesmo.

Às vezes só me apetecia estrangulá-lo. A sério. E eu nem era uma pessoa violenta. Continuava a mesma miúda que não comeu bolachas de gengibre em forma de homenzinhos durante anos depois de ver o *Shrek* porque representavam os membros da família do Gingy ou, pior, o próprio Gingy, mas algo no Alex desencadeava o meu lado negro.

Exalei e baixei os braços por instinto, esquecendo a *T-shirt* transparente até que o olhar do Alex voltou para o meu peito.

Tornei a corar, mas já me fartara de estar ali sentada a discutir com ele. A *Crumble & Bake* fechava dentro de dez minutos, e estes continuavam a passar.

Talvez tenha sido o homem, o estado do tempo ou a hora e meia que passei numa paragem de autocarro, mas a frustração irrompeu antes que eu pudesse impedi-la.

— Em vez de seres um idiota e ficares a olhar para os meus seios, podes emprestar-me o casaco? Porque quero ir buscar o bolo e despachar

o meu irmão, o teu melhor amigo, em grande estilo antes de ele deixar o país.

As minhas palavras pairavam no ar enquanto eu tapava a boca com a mão, horrorizada. Acabei de pronunciar a palavra «seios» para o Alex Volkov e acusei-o de me galar? E *chamei-lhe* idiota?

Meu Deus, se me atingires com um raio agora, não fico zangada. Prometo.

Os olhos do Alex semicerraram-se. Estava entre as cinco respostas mais emocionais que provoquei nele em oito anos; portanto, já era alguma coisa.

— Confia em mim, não olhava para os teus seios — disse ele, a voz suficientemente gelada para transformar as gotas de humidade na minha pele em pingentes de gelo. — Não fazes o meu género, ainda que não fosses a irmã do Josh.

Ui. Eu também não estava interessada no Alex, mas nenhuma rapariga gosta de ser dispensada tão facilmente por um membro do sexo oposto.

— Pois sim. Não há necessidade de seres um idiota acerca disso — murmurei. — Olha, a C&B fecha daqui a dois minutos. Empresta-me lá o casaco para podermos sair daqui.

Eu fizera o pagamento *online*, portanto, só precisava de levantar o bolo.

Um músculo contraiu-se no seu maxilar.

— Eu vou buscá-lo. Não sais do carro assim vestida, mesmo com o meu casaco.

O Alex tirou um guarda-chuva de baixo do banco e saiu com um movimento fluido. Movia-se como uma pantera, cheio de graciosidade tensa e determinação. Se quisesse, podia ganhar a vida como modelo, embora eu duvidasse que ele alguma vez fizesse algo tão *gauche*.

Voltou menos de cinco minutos depois com a caixa de bolo cor-de-rosa e verde-menta da Crumble & Bake debaixo do braço. Largou-a no meu regaço, fechou o guarda-chuva e fez marcha atrás sem pestanejar.